

PA KWECHA

Jornal livre e independente

CHEMBA | JULHO 2018 | ANO 2 • N. 4 | JORNAL GRATUITO



Editorial

Sem medo de sermos livres

Mais um 25 de Junho, mais um ano de Independência, mais um dia de festa. Sim, de festa. Porque – apesar da maioria de nós, estudantes e professores, conheça aquele dia do ano 1975 só através dos livros – a festa ajuda-nos a tornar viva e actual a história, a reflectir sobre o caminho que levou o nosso povo da escravatura à liberdade. A festa faz-nos lembrar como foi dura a condição de servos ontem, para não perdermos o sentido de sermos livres hoje.

Queremos olhar a Independência a partir da perspectiva privilegiada que nos encontra empenhados diariamente: a escola e a educação em geral. No tempo colonial, o ensino chegava só até a 4ª classe e era funcional aos interesses do poder, no sentido que tinha que inculcar no educando moçambicano uma atitude de servilismo. O poder colonial conhecia os riscos de formar moçambica-

nos instruídos e sabia que a escola era perigosa porque tornava as pessoas conscientes dos seus direitos. Resumindo: o poder colonial tinha medo da escola, porque a escola educa à liberdade.

O sonho alcançado da liberdade, fez que Moçambique, logo depois da Independência, considerasse a escola, como prioridade: houve assim um esforço gigantesco visando alargar a educação a todos os moçambicanos. Por exemplo, dos 671.617 alunos matriculados no EP em 1975, passou-se a 1.276.500 alunos em 1976 (fonte: MINEDH).

A nossa pergunta é esta: a escola hoje, 43 anos depois da Independência, nos educa ainda à liberdade? A escola nos ensina a sermos livres? A formar pensamentos e ideias que não sejam cábula de alguém? A não ter medo de expressarmos livremente e criticamente?

Nós de “Pa kwecha” – que amamos a liberdade e independência ao ponto tal de definir o nosso jornal “livre e independente” – deixamos a resposta contigo.

Mas – da mesma maneira como os nossos pais e avós sonharam e lutaram para a liberdade que se concretizou na Independência – nós também sonhamos uma escola diferente. Uma escola onde pensar seja mais importante que repetir e memorizar, onde a aprendizagem não seja avaliada com um banalíssimo multichoice, onde um professor seja livre de pertencer a qualquer que seja partido político, onde o estudante não só receba conhecimentos, mas seja estimulado a produzir conteúdos, sendo assim considerado não como um vaso para encher, mas uma árvore para crescer. Uma escola que ofereça realmente as mesmas oportunidades aos filhos dos pobres e dos ricos, para aplanar na raiz aquela desigualdade social que está a disparar no nosso País.

Uma escola que seja uma bússola que indica claramente o norte da liberdade à sociedade. Uma escola que seja simplesmente tudo isso. Estamos a sonhar demais?

Porquê se continua a sofrer pela água em Chemba?



Chemba. Mulheres procuram água no rio Zambeze

É possível uma vida sem água?

Já imaginamos a nossa vida sem água? A água é indispensável na nossa vida diária para o consumo humano e para as actividades domésticas como cozinhar, lavar roupa, higiene pessoal. Mas também para a agricultura, a indústria e a produção de energia hidroelétrica. Estudamos nos livros de biologia que 65% do peso do corpo humano é constituído por água e para sobrevivermos temos que beber diariamente pelo menos entre 1,5 a 2 litros de água. Portanto, é óbvio que sem água a vida não seria possível.

No mundo

Mas quantas pessoas no mundo sofrem por falta de água! No nosso planeta, quase 750 milhões de pessoas têm dificuldades em obter água adequada para o consumo, de acordo com um levantamento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). A falta de acesso à água também pode ser trágica, porque quase 1000 crianças morrem todos os dias por complicações da diarreia, ligadas à falta de água potável.

Em Moçambique

Mais da metade da população mo-

çambicana não tem acesso à água potável, colocando o nosso País entre um dos piores a nível mundial. As estatísticas mostram que apenas 49% da população tem acesso à água potável. As zonas urbanas são as mais favorecidas, com 80%, enquanto as rurais, onde vive a maior parte da população, têm apenas 35% de cobertura (Fonte: Unicef, 2014).

Na nossa vila de Chemba

Para ter uma ideia mais clara sobre o acesso à água na nossa vila sede, a redacção de “Pa kwecha” pediu informações ao SDPI (Serviço Distrital de Planeamento e Infra-estrutura) de Chemba. A nível da vila, existem 4 bombas manuais (njigo), cuja água é salgada e das quais duas estão avariadas; 7 fontanárias com duas bicas cada, das quais uma avariada. Além disso, a partir do final do ano 2016, começou a construção dum projecto denominado “Madzi a Chemba” que fornece actualmente água canalizada a 171 núcleos familiares e ao Centro de Saúde. Os custos de ligação são feitos com base no pagamento dum contracto equivalente a 3000 mt para clientes domésticos e 6000 mt para instituições. O custo mensal, regulado por um

contador, é de 18 mt por metro cúbico (1000 litros. Isto é 0,018 mt por litro). É de salientar que a água é puxada do Ntunga, uma lagoa - cuja água não é corrente - alimentada pelo rio Zambeze.

Está sendo elaborado um projecto pela Cáritas (instituição da Igreja Católica) para a construção duma torre com 2 tanques de 10.000 litros cada, no bairro nº4 da vila e que iria beneficiar também o bairro nº2. Este projecto será patrocinado pela Cáritas Alemã e se prevê que a gestão e a manutenção serão feitas através dum comité, a partir duma pequena contribuição mensal dos utentes.

“Madzi ndi nyatwa”

Na nossa reportagem, entrevistamos muitos habitantes da vila sede, perguntando como abastecem água para sua casa. Na conversa, escutávamos sempre o mesmo refrão: «Eh, madzi ndi nyatwa munu!», que traduzido em português resulta: «A água é sofrimento aqui!». Vamos ver as razões.

Os beneficiários da água canalizada em casa – além de queixar-se poquê a água é distribuída com irregularidade e só poucas horas por dia – representam uma

1 DE JUNHO. DIA DE FESTA, MAS NÃO PARA TODAS AS CRIANÇAS

O lema deste ano: “Vamos pôr um ponto final aos casamentos prematuros”

Alguns dias atrás, no dia 1 de Junho, celebrámos o Dia Internacional da Criança. Desde que eramos pequenos, nós esperavamos sempre este dia com grande alegria porque é um dia de festa. Agora que crescemos, queríamos reflectir sobre a condição da criança no nosso País e no nosso Distrito de Chemba.

Ao olharmos alguns dados estatísticos, não estamos numa boa situação. Num relatório intitulado “Infância roubada” relativo à condição da criança, divulgado no ano passado pela ONG “Save the children”, Moçambique situa-se no 160º lugar, num universo de 172 países avaliados. O mesmo documento aponta que a desnutrição crónica afecta 43% das crianças até 5 anos de idade. Segundo uma outra organização, em Moçambique, todos os dias morrem 320 crianças com menos de 5 anos, vítimas de doenças que podem ser prevenidas e que são curáveis, como é o caso da malária, infecções e diarreia (fonte: Unicef).

Vamos olhar agora alguns dados relativos ao acesso à educação. As crianças têm agora mais oportunidade para aprender do que antes, sendo que actualmente 83% estão matriculadas na Escola Primária: uma subida em relação aos 32% de 1992. Apesar disso são elevadas as taxas de abandono escolar: 47% das crianças que inicia o Ensino Primário, não o termina e 23% das crianças em idade do Ensino Primário e Secundário estão fora da escola (fonte: Unesco, 2014).

Outros problemas que roubam duas fases bonitas da vida como a infância e a adolescência, são o casamento prematuro e a gravidez precoce. 48% das raparigas casam-se antes dos 18 anos de idade, colocando tristemente o nosso País no

11º lugar a nível mundial. Por isso, ficamos felizes com o lema do Dia da Criança deste ano: “Vamos pôr um ponto final aos casamentos prematuros!”.

Este lema ajuda-nos a tirar uma conclusão importante: a difícil condição da criança está ligada com a difícil situação da mãe. Para explicar isso, vamos fazer um exemplo que aconteceu no nosso Distrito de Chemba na última semana de Maio, durante a campanha de vacinação contra o sarampo e a rubéola para as crianças de 6 meses a 14 anos. Uma menina ia vacinar uma criança ao colo. Depois dos enfermeiros terem vacinado o bebé, ela exclamou: «Eu também!». Os enfermeiros admiraram-se com aquela mãe de 14 anos que vinha vacinar a si mesma junto com o seu bebé.

Os dados dizem que a probabilidade duma criança sobreviver a uma doença, é relacionada com o nível de educação da mãe: resumindo, quanto mais alto é o nível de estudo da mãe, tanto melhor é a saúde da criança.

Neste sentido, cada um de nós conhece exemplos nas zonas do nosso Distrito. Aconteceu numa comunidade que os pais obrigaram forçadamente a filha de 13 anos a casar com um senhor de 50 anos, só porque ele tinha muito dinheiro. Aconteceu também que um pai obrigou a filha a casar com um homem de mais de 70 anos que já tinha seis esposas, porque aquele pai tinha que pagar uma dívida com aquele homem.

Quanto ainda são violados os direitos das crianças! Vimos que a arma melhor para combatermos estas violações é a educação. Só assim, o dia 1 de Junho poderá ser realmente um dia de festa para todas as crianças em Moçambique.

pequena minoria em relação ao universo dos habitantes da vila. Isto significa que a grande maioria tem que procurar água nas fontanárias, pagando um valor de 2 mt por cada botija de 20 litros. Outra alternativa é aproximar-se ao vizinho que tem água canalizada. Apesar do contracto com a empresa “Madzi a Chemba” ser individual e ser proibida a venda, a água é vendida como forma de ajuda, sendo que é sabida a dificuldade de acesso hídrico, a um valor de 2,5 mt por cada botija de 20 litros, isto é, 0,125 mt por litro. Vamos fazer um pouco de matemática. Como já vimos, o utente de “Madzi a Chemba” paga a água 0,018 mt por litro. Dividindo 0,125 com 0,018, se obtém

que a água é vendida ao vizinho a um preço quase 7 vezes mais.

Pensamos agora ao caso mais comum de um agregado familiar em Chemba: oito pessoas (pai, mãe e seis filhos), sem nenhuma renda porque camponêses. Pensamos a quantas botijas podem se gastar por dia: tomar banho (4 botijas); beber, cozinhar e lavar pratos (3 botijas). Total: 17,5 mt. Multiplicado por 30, faz 525 mt por mês. Pensamos também que uma vez por semana, mamã tem que recolher toda a roupa para lavar. Nesta família, mamã tem que proibir de tomar banho duas vezes por dia, pois o custo soberia. Não tem como.

É assim que explicamos como a grande maioria dos habitantes de

Chemba continua a procurar água no rio Zambeze, mesmo sabendo o risco enorme dos crocodilos. Não esquecemos que no tempo chuvoso, entre os meses de Novembro do ano passado e Março deste ano, não passavam dez dias sem que uma pessoa fosse atacada ou morta pelos crocodilos.

Sabemos que existe o projecto de construção das duas barragens Chemba I e Chemba II sobre o rio Zambeze, orçamentado em 2,55 biliões de dólares (Orçamento do Estado 2015 e Pa kwecha nº3). Não seria talvez melhor que antes deste megaprojecto, se pense ao sofrimento diário do povo? Os habitantes de Chemba estão a espera duma resposta.

GANDHI

“Temos que nos tornar na mudança que queremos ver”

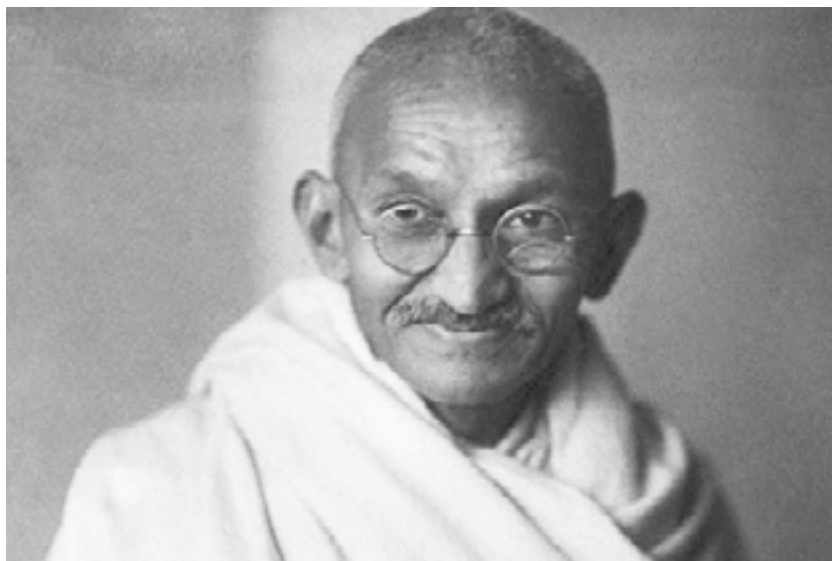
Exatamente 70 anos atrás, no ano 1948, morreu um homem magro no corpo e baixo de estatura, que caminhava descalço e vestia com roupa simples e pobre. Este homem, apesar da sua humildade, ainda hoje é lembrado como uma das personalidades mais revolucionárias da história. Estamos a falar de Gandhi.

Mohandas Gandhi nasceu em Porbandar, na Índia, no dia 2 de Outubro de 1869. A sua família pertencia à classe média e seu pai era um funcionário público. Naquela altura, a Índia era uma colónia britânica e o povo sofria abusos e injustiças por não viver numa condição de liberdade.

Com dezanove anos de idade, no 1888, Gandhi foi para Londres, capital do império britânico, onde ficou quatro anos para estudar direito. Depois de ter voltado no seu País onde exerceu a profissão de advogado, no ano 1893, foi para a África do Sul, também colónia britânica como a Índia. A sua luta contra as discriminações começou mesmo na África do Sul, onde exerceu o seu trabalho de advogado até ao ano 1914, organizando a resistência não-violenta da comunidade hindu (a sua religião) contra as medidas injustas do governo sul-africano.

No ano 1915, aos 45 anos de idade, Gandhi voltou para Índia. Ao seu desembarque no porto de Bombaim foi recebido como um herói, por suas lutas em favor dos seus compatriotas na África do Sul. Ficava cada vez mais conhecido pelo seu compromisso pelos direitos do povo, sobretudo dos camponeses e operários mais pobres. Gandhi começou assim a organizar um movimento pacífico para alcançar a Independência do seu País.

Ao longo da história da humanidade, encontramos muitas personalidades que querem alcançar um objectivo político justo e bom. Podemos dividir estas personalidades em dois grupos: os que recorrem à violência, matando também outras pessoas, e os que



utilizam métodos não-violentos. Gandhi será para sempre lembrado como um dos promotores da não-violência, tornando-se também exemplo para grandes líderes como Martin Luthr King e Nelson Mandela.

Gandhi nunca pegou uma arma nas mãos. Aliás, as suas “armas” eram pacíficas: recorria a jejuns, marchas e a desobediência civil, incentivando o não pagamento de impostos e o não consumo de produtos dos colonos ingleses. Por exemplo, no ano 1930 organizou um grande protesto pacífico, quando milhares de pessoas caminharam mais de 320 quilômetros, para protestar contra os impostos sobre o sal. Esta imensa manifestação foi lembrada como a “marcha do sal”. Repetidas vezes foi preso na cadeia pelos ingleses e mais duma vez ficou próximo da morte por causa dos jejuns, mas nunca ficou desanimado ou perdeu a sua coragem, até que a Índia foi declarada independente em 1947.

Naquela altura, na Índia, existiam conflitos religiosos entre musulmanos e hindu. Gandhi, que era hindu, sempre se comprometeu em favor da união entre as duas comunidades, sendo que as religiões têm que ser instrumentos de paz. No dia 30 de Janeiro de 1948, foi assassinado por um extremista. No cortejo fúnebre, a procissão foi acompanhada por milhares de pessoas.

Gandhi dizia que: “Temos que nos tornar na mudança que queremos ver”. Muitas vezes nós queixamo-nos com a qualidade da educação, com as estradas, com a corrupção, com os abusos do poder, com o corte das nossas florestas, com o sofrimento ligado à água. Gandhi nos ensina que as coisas mudam se nós mesmos começarmos a fazer um passo pela frente. Porque, como dizia ele: “O futuro dependerá daquilo que fazemos no presente”.

“Pa kwecha” nasce da criatividade dum grupo de rapazes e raparigas do Internato “Santa Teresinha do Menino Jesus” de Chemba. No “Pa kwecha” cada um faz a sua pequena parte, mas sempre junto com os outros: juntos debatemos, juntos partilhamos as ideias, juntos escrevemos. “Pa kwecha” quer informar, actualizar e fazer circular ideias. Quer ser espaço de debate das opiniões, uma janela que abre uma perspectiva inteligente e crítica sobre a realidade.

“Pa kwecha” é: Abel, Angelo, Armando, Custumado, Chanjenza, Dezanove, Elsa, Fidel, Fredy, João, Kussowa, Isaque G, Isaque H., Lúcia, Manuel, Marcos, Pedro, Rosália, Silvino, Simoni, Scherley, Teresa, Windo, Pe. André
“Pa kwecha” – Internato “Santa Teresinha do Menino Jesus” – Paróquia de Chemba – 4º bairro – Chemba